

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



QUINTA DA GRANJA 1 (MAIORGA, ALCOBAÇA): NOVOS DADOS SOBRE O POVOAMENTO DA ESTREMADURA NA ALTA IDADE MÉDIA

Cristina Gonzalez / Arqueóloga, CRIVARQUE, Lda / cgonzalez@crivarque.net

RESUMO

A cerca de 500 m a sul da povoação da Maiorga, Alcobaca, foi recentemente identificado e escavado o que restava de um sítio de ocupação alto-medieval. Situava-se num local com domínio visual sobre a vasta planície que se estendia para oeste até à Nazaré. Pelas suas características, a Quinta da Granja 1 parece-nos passível de ser classificada como um local de habitat permanente, embora de relativamente pequenas dimensões. Encontrava-se consideravelmente mal preservado, subsistindo apenas ao nível de estruturas negativas escavadas no substrato geológico.

A sua importância prende-se sobretudo com o pouco conhecimento acerca das populações existentes nesta região no período que decorre entre a desagregação do império romano e a Reconquista cristã.

ABSTRACT

In recent times, the remains of an early medieval site were identified and excavated about 500 m south of Maiorga, a village in Alcobaca (Leiria). The site was located on the top of a small natural hill with significant visual dominance over the vast plain that extends westwards until Nazaré. Quinta da Granja 1's characteristics indicate that it was used as a small scale permanent habitation. The site was badly preserved with only negative structures dug in the geological substrate remaining.

The site is significant because of the lack of knowledge that exists concerning the populations that occupied the region between the fall of the Roman Empire and the Christian reconquest.

INTRODUÇÃO

Durante o ano de 2010, a CRIVARQUE realizava os trabalhos arqueológicos associados à construção do recentemente inaugurado IC9, via de ligação entre Tomar e a Nazaré. Nesse ano, em particular no troço entre Nazaré e Alcobaca, onde se situa hoje o nó de Maiorga, a arqueóloga Joana Vivas detectou em acompanhamento vários sítios nas imediações do topónimo “Quinta da Granja”. O primeiro a ser descoberto, de cronologia medieval, é o que será tratado neste âmbito, deixando para outra oportunidade os restantes¹. A sua inevitável destruição

pela sobreposição total com o traçado da via levou à escavação integral das estruturas, bem como à des-pistagem de toda a área envolvente.

ENQUADRAMENTO

O sítio Quinta da Granja 1 situava-se no distrito de Leiria, concelho de Alcobaca, freguesia de Maiorga, entre as Quintas da Granja e das Cidreiras. Localizava-se no topo de um pequeno cabeço natural, com cotas máximas de 39 m, referenciado

imediações outros dois sítios, que se inseriam na mesma área de afectação provocada pelo nó de Maiorga, designados como Quinta da Granja 2 e 3 que não se deverão confundir com o sítio que aqui tratamos, com cronologias no âmbito da Pré-história recente.

1. A escavação da Quinta da Granja 1 decorreu entre Outubro e Novembro de 2010. Nos meses que se seguiram, prolongando-se pelo ano de 2011, foram intervencionados nas

na folha nº 317 da Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000 (Figura 1), que hoje se encontra profundamente alterado pela construção do IC9 (coordenadas Hayford-Gauss, Datum 73 de Lisboa: M -73065.40, P -10341.14, A 38,78).

Do ponto de vista geológico, encontrava-se sobre formações do Jurássico superior indiferenciado designadas de “Grés superiores com vegetais e dinossáurios” (Figura 2). São descritas como um complexo de grés e argilas de tons acinzentados, azulados, arroxeados, avermelhados e amarelados (França e Zbyszewski, 1963, p. 26).

O topo do cabeço onde se implantou o sítio constituía na verdade uma plataforma relativamente plana, que se destacava como a primeira elevação mais marcada no terreno a este das povoações da Maiorga e da Fervença. Imediatamente a oeste, situa-se a actual planície aluvial da Nazaré. Esta corresponde a uma área de depressão que se estende desde a faixa costeira da Nazaré, passando por um estreitamento na Ponte das Barcas e alargando novamente para sul até Famalicão e depois de Valado dos Frades até à Fervença, Maiorga e Casalinho onde encontra os seus limites a este. Os limites entre a planície aluvial e o complexo de grés do Jurássico superior e as “Camadas de Alcobaça” do Lusitaniano superior na área genericamente triangular entre Valado dos Frades, Fervença e Maiorga parecem coincidir com o traçado de uma falha, marcada por troços da ribeira de Fanhais e do rio Alcôa e por uma brecha vulcânica a oeste da Póvoa (Henrique e Dinis, 2006, p. 6).

A planície aluvial, também designada de várzea, terá sido formada por erosão durante os períodos glaciares do Quaternário e particularmente no mais recente (Würm), em que o nível do mar se encontrava muito mais baixo que o actual e o terreno muito mais exposto. Durante o Holoceno, a subida do nível do mar, principalmente durante a Transgressão Flandriana, inundou a planície formando uma extensa laguna que chegaria até à Fervença e Maiorga, e que é frequentemente chamada de Lagoa da Pederneira (*ibidem*, p. 2). A lagoa seria navegável pelo menos até ao final do século XII, conforme as descrições medievais que Vieira Natividade refere sobre a circulação de embarcações provenientes de Lisboa que vinham carregar madeira ao porto da Fervença, no ano de 1201 (1960, p. 102). É provável, contudo, como tem sido revisto em estudos mais recentes, que nessa altura apenas navegassem no

seu interior barcos de menor envergadura e o porto da Fervença estivesse já desactivado, ao invés do porto que se situaria em frente à Pederneira (na entrada da laguna) e que continuava a ser um importante ponto de escala e distribuição (Guincho, 2010, p. 33). A lagoa foi sendo a partir da Baixa Idade Média progressivamente assoreada, o que se tem tradicionalmente atribuído às acções de arroteamento desenvolvidas pelos monges cistercienses para conquista de terra agrícolas, mas também devido ao abate intensivo de árvores ao longo do século XV e consequente erosão dos terrenos (*ibidem*, p. 44). No século XVIII, os terrenos de tipo paúl foram finalmente drenados e dão lugar a uma planície de campos extremamente férteis.

A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA – METODOLOGIA

Na sequência dos trabalhos de acompanhamento arqueológico foram então identificadas treze manchas de sedimento acinzentado que indiciavam tratarem-se de estruturas de planta sub-circular escavadas no substrato geológico de arenito. Após a remoção da camada vegetal que cobria a plataforma natural, observava-se de imediato o substrato geológico, o que levou a que a escavação arqueológica incidisse somente no interior de cada uma das estruturas (Figura 3). De modo a delimitar a extensão do sítio, procedeu-se também à prospecção do terreno envolvente, bem como à realização de dez sondagens de 2 m² cada na vertente a sudeste de onde se detectaram as estruturas, com o objectivo de se recolher um volume artefactual significativo para completar a caracterização do sítio.

Apesar de como referimos, terem sido detectadas treze estruturas, apenas iremos considerar aqui doze delas, pois a estrutura nº 8 parece remontar a cronologias mais recuadas, provavelmente em torno da Idade do Bronze.

CARACTERIZAÇÃO DO POVOADO

A Quinta da Granja 1 enquanto sítio alto-medieval apresentava-se então na forma de doze estruturas negativas de plantas tendencialmente circulares, escavadas no substrato geológico de arenito. Encontravam-se todas relativamente próximas umas das outras (Figura 4), dispersando-se sobre uma área total de cerca de 1000 m². Apresentavam

algumas variações no que respeita a dimensões, perfis e composição dos seus enchimentos, que as

permitem diferenciar quanto à natureza das suas funções (Quadro 1).

Quadro 1 – Morfologia das estruturas negativas escavadas na Quinta da Granja 1 com cronologia medieval.

Estrutura	Categoria	Planta	Perfil	Fundo	Dimensões (m)	
					Diâmetro	Profundidade
1	Combustão	Oval/irregular	Em “U”	Plano	1,00 – 1,20	0,10
2	Silo/Combustão	Sub-circular	Hemisférico	Côncavo	1,30	0,40
3	Combustão	Sub-circular	Côncavo	Plano	1,30 – 1,35	0,10
4	Combustão	Sub-circular	Côncavo	Côncavo	1,00 – 1,10	0,20
5	Combustão	Sub-circular	Em “U”/irregular	Plano	0,90 – 1,10	0,15
6	Silo	Circular	Hemisférico	Plano	1,30 – 1,35	0,60
7	Silo/fossa	Circular	Hemisférico	Plano	1,10 – 1,20	0,60
9	Silo	Circular	Em “U”	Plano	1,20 – 1,25	0,35
10	Silo/fossa	Sub-circular	Em “U”/irregular	Plano	1,10	0,95
11	Silo/fossa	Oval/irregular	Irregular	Plano	0,90 – 1,05	0,70
12	Silo/fossa	Circular	Hemisférico	Plano	1,05 – 1,10	0,55
13	Silo/fossa	Circular	Em “U”	Plano	1,15	0,80

Quatro destas estruturas (1, 3, 4 e 5) identificaram-se como lareiras realizadas em *cuvette*. A sua planta de cariz mais irregular parece não apresentar a mesma preocupação visível nas estruturas construídas para terem maior profundidade. O seu enchimento apresentava vestígios de utilização de fogo, quer através da presença de carvões no sedimento, blocos de arenito com marcas de exposição ao calor, fauna queimada (elevada presença na estrutura 1) e argila cozida (com grande abundância na estrutura 4, aqui também associada a sementes carbonizadas; Figura 5).

A estrutura 2 suscitou algumas dúvidas quanto a considerá-la uma estrutura de combustão construída de início para esse efeito ou um silo utilizado como fossa de despejo após a sua desactivação. O seu enchimento revelava um primeiro depósito de sedimento avermelhado muito argiloso e posteriormente um nível repleto de blocos de arenito queimados. A pouca profundidade da estrutura (40 cm) associada aos vestígios deixados pelo fogo, sugere uma função ligada à combustão. No entanto, a sua planta e perfil tão regulares, bem como a abundância de cerâmica utilitária doméstica, alguns fragmentos de telhas, e elevado volume de fauna coincide com um enchimento característico de uma fossa de despejo. Parece-me talvez mais provável tratar-se do que restou da base de um anterior silo

aproveitado como fossa, onde o fogo teria lugar para queimar os detritos acumulados.

As outras sete estruturas parecem ter sido construídas com uma função de armazenagem enquanto silos. A escavação das estruturas 6 e 9 revelou um enchimento único ([601] e [902]) com muito pouco espólio associado, parecendo denunciar um processo rápido entre a desactivação da estrutura e o seu preenchimento. No interior da estrutura 11 foi também recolhido um volume muito reduzido de espólio, que contrasta com uma profundidade maior relativamente às estruturas atrás referidas. O seu perfil bastante irregular desperta contudo algumas dúvidas se teria sido construído para servir inicialmente enquanto silo ou fossa.

As estruturas 7, 10, 12 e 13 revelaram um enchimento faseado, com momentos que indicam a realização de “queimadas” no interior das estruturas, e um considerável volume de espólio (Figura 6). Do ponto de vista formal, parecem demonstrar algum investimento na sua construção bastante regular, de perfil hemisférico ou em “U”. O que poderá ter sido construído como silo, foi seguramente aproveitado enquanto fossa/lixreira durante um período de tempo continuado.

O conjunto artefactual proveniente do enchimento das estruturas é diversificado quanto à sua composição e consideravelmente homogéneo de um ponto de vista cronológico. Não esquecemos algumas

excepções, como a presença de um fragmento de *terra sigillata* hispânica e de elementos líticos (particularmente lascas sobre sílex e quartzito) que surgem de forma residual e podem ser explicados com a existência comprovada de outros núcleos de povoamento na zona envolvente. No entanto, globalmente, o espólio associado enquadra a Quinta da Granja 1 na Alta Idade Média, num intervalo de tempo que podemos delimitar entre os séculos VII e IX, parecendo reunir influências visigóticas e emirais.

O espólio cerâmico é o mais significativo em volume, dominado por recipientes de cariz utilitário para cozinhar sobretudo e para transportar/servir alimentos à mesa e armazenagem. A clara maioria dos fragmentos cerâmicos pertence a formas fechadas, principalmente panelas ou potes, jarros, jarrinhas, cântaros e talhas (Figura 7).

Destaquem-se as panelas, numa forma sem asas que é bastante comum nos séculos VIII e IX (Figura 7. 1-3), podendo ser encontrada com frequência em diversos contextos peninsulares da transição do período visigótico para o emiral ou plenamente emiral, como em Alcoutim (Catarino, 1999, Est. I.1), El Gatillo, Cáceres (Caballero Zoreda, 1989, fig. 11.3-7), Navalvillar, Madrid (*ibidem*, fig. 9.4) ou Tolmo de Minateda, Albacete (Gutiérrez Lloret, Gamo Parras e Amorós Ruiz, 2003, fig. 26.3, 27.1-3). São de referir os jarros trilobados, de corpo bojudo e estreitamento no colo (Figura 7. 5), e jarros e uma jarrinha de clara tradição islâmica, com corpo globular, colo alto demarcado e bordo direito (Figura 7. 6-8), formas que se podem encontrar com frequência em sítios emirais e califais da Península como Tolmo de Minateda (*ibidem*, fig. 20.5, fig. 21.6), Mérida (Alba e Feijoo, 2003, fig. 11B jarro 4-5) e Ronda, Málaga (Acién Almansa & alii, fig. 19.133-136). A inexistência de qualquer traço de pintura ou vidrado nestas peças pode indicar uma cronologia mais precoce, estreitamente emiral. Refira-se ainda um grande recipiente, que designámos como “talha” devido à cronologia medieval em que se insere, cuja forma bastantes autores continuam a designar como *dolium* por aproximação aos modelos romanos. Tem sido encontrada em níveis do século VI e inícios do VII (*ibidem*, fig. 3.25; Murcia Muñoz e Guillermo Martínez, 2003, fig. 4.25-27), embora possa sobreviver até períodos mais avançados, tendo sido registada já em período emiral (Alba e Feijoo, 2003, fig. 12 D. tinaja 1).

As formas abertas são bastante mais raras, reduzindo-se a alguidares, uma forma de tipo queijreira/escoador e duas possíveis taças, que não podemos assegurar devido à pequena dimensão dos fragmentos.

Do ponto de vista dos fabricos, a cerâmica produzida a torno é maioritária, sobretudo entre as cerâmicas de cozinha e serviço/transporte. A técnica manual continua a ser aplicada no fabrico de peças de grandes dimensões, como as talhas, mas ocasionalmente ainda nalguns jarros (Figura 7. 4). As pastas são maioritariamente castanhas a cinzentas-escuras ou mesmo negras, com cozeduras redutoras algo irregulares, no caso das panelas e jarros/púcaros. Outras peças como as jarrinhas de pastas mais depuradas, e algumas panelas/potes apresentam também pastas mais claras, castanhas a alaranjadas, com cozeduras oxidantes e redutoras/oxidantes. O tratamento das superfícies é bastante simples, alisado e nalguns casos com um ligeiro engobe. Não existem peças vidradas e a única decoração que se pode encontrar resume-se a simples linhas incisadas onduladas abaixo do bordo e linhas “cordadas” impressas na superfície de algumas talhas.

É significativa ainda a cerâmica de construção, bastante abundante, sob a forma telhas de meia cana (*imbrices*), não se verificando qualquer elemento de *tegula*. Encontram-se também com frequência nódulos de argila cozida e fragmentos de cerâmica com pastas muito mal cozidas e vestígios da acção do fogo, que poderiam pertencer às próprias estruturas de combustão.

Surgem contudo alguns objectos do quotidiano com influências estéticas islâmicas, cujos paralelos podemos observar em contextos mais tardios de época almoadada em sítios do Sul, como Silves e Mértola. É o caso de um elemento em cobre, pertencente talvez ao cabo de alguma peça, com decoração num padrão de pequenos círculos lembrando os motivos sobre os objectos de fição em osso encontrados no arrabalde de Silves (Gonçalves, Pereira e Pires, 2008) e um cossoiro em osso (Figura 8) com decoração incisa de bandas concêntricas com linhas interiores em “zigue-zague”, com paralelos em objectos de morfologia semelhante em Silves (*ibidem*, p. 192) e Mértola (Macias, 1996, p. 90). É de referir também as sementes de uma tesoura em ferro recolhida no interior da estrutura 13 com outro exemplar proveniente da mesma localidade alentejana (*ibidem*, p. 91).

O conjunto osteológico recolhido no interior das

estruturas é de um volume relevante, que importaria também estudar com maior detalhe no futuro. É constituído maioritariamente por fauna mamalógica, mas também ornitológica, ictiológica e malacológica. Na fauna mamalógica destaca-se a presença de bovídeos (*bos taurus*), ovelha ou cabra (*ovis/capra*), javali ou porco (*sus scrofa/domesticus*) e lebre (*lepus sp.*).

A QUINTA DA GRANJA 1 E AS EVIDÊNCIAS DE POVOAMENTO ALTO-MEDIEVAL

Quando pensamos nesta região da Estremadura, e no concelho de Alcobaça em particular, de um ponto de vista histórico não conseguimos desassociar da presença do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça e da influência que os monges cistercienses exerceram sobre este território desde que nele se instalaram na segunda metade do século XII. No entanto, apesar da discussão sobre o ermamento ou não desta região aquando do seu “repovoamento” pelos colonizadores pós-Reconquista cristã ainda estar algo presente no seio da historiografia medieval, existem algumas evidências arqueológicas que atestam a existência de comunidades fixadas num período imediatamente anterior e nas quais a Quinta da Granja 1 se inclui.

Para o período romano os vestígios arqueológicos são mais numerosos, sendo que alguns apresentam uma continuidade de ocupação pela Alta Idade Média. Destaca-se nas proximidades a *villa* de Parreitas, na freguesia de Bárrio (Alcobaça), e sítios que subsistem em período pós-romano ainda que com reestruturações de carácter construtivo e/ou ao nível do tipo de ocupação, como é o caso de um assentamento com algum relevo em Póvoa de Cós, da *villa* do Arneiro, em Maceira já no concelho de Leiria, ou da igreja medieval de São Gião (Nazaré) construída sobre estruturas romanas (Bernardes, 2005, p. 567).

Dos séculos que se seguem à desgregação do império romano do ocidente chegam-nos poucos vestígios conhecidos, deparando-nos principalmente com dúvidas quanto à caracterização de sítios que nos chegam através da tradição historiográfica ou mesmo oral, mas na sua maioria através de prospecções. Com efeito, foram em grande parte identificados através de materiais à superfície pouco diferenciadores, sobretudo cerâmica de construção (*imbrices*), por vezes escória, que remetem para um

fundo comum romano/alto-medieval (Figura 9). A escavação arqueológica resolveria seguramente uma grande parte destas dúvidas. A igreja paleocristã de São Gião, no concelho da Nazaré, é por isso um monumento de extrema importância. A sua primeira fase construtiva é situada entre os séculos VII e XII (Fontes e Machado, 2010, p. 38), revelando a existência de uma significativa comunidade cristã, moçárabe, que se mantém no mesmo espaço durante e após a ocupação muçulmana.

A Lagoa da Pederneira, como uma importante entrada do mar para o interior, estava marcada por outro tipo de construções que praticamente não sobreviveram até aos nossos dias se não através dos relatos escritos: torres com funções de vigia, defesa, controle da entrada dos barcos e mercadorias ou simplesmente faróis. Seriam em número de oito, segundo consta das descrições dos monges cronistas e de Manuel Vieira Natividade, podendo ter sido construídas em período visigótico ou islâmico, mas provavelmente ocupadas durante o último (Barbosa, 1990, p. 9). É referida a existência de uma na Fervença, na freguesia da Maiorga, a “Torre das Colmeias” (Marques, 1994, p. 156), embora não se conheçam quaisquer vestígios arqueológicos que a comprovem. A Torre de D. Framondo, em Famação da Nazaré, é a única da qual se conhecem as ruínas, cuja planta foi realizada por Eduíno Borges Garcia nos meados do século XX (Barbosa, 1990, p. 4). Em Póvoa de Cós existe também a tradição de um castelo sobranceiro à Lagoa da Pederneira (Marques, 1994, p. 134)., desconhecendo-se se anterior ou posterior ao domínio islâmico, mas que não aparece referenciado no registo arqueológico (base de dados Endovélico).

A povoação existente na Quinta da Granja 1 teria sido em parte contemporânea do funcionamento da igreja paleocristã de São Gião. A análise do espólio parece indicar estarmos perante uma ocupação alto-medieval, particularmente centrada entre os séculos VII e IX, reunindo tradições locais tardo-romanas e visigóticas às emirais, o que nos leva a considerar uma continuidade das mesmas populações sob domínio islâmico. Estas podiam tratar-se de moçárabes ou *muladis*, sendo que o consumo de carne de porco como se verificou neste sítio apenas nos indica que não estamos perante populações exógenas vindas com a conquista muçulmana, que podendo terem sido ou não convertidas não respeitavam os novos ritos.

Podemos imaginar um território com um povoamento de fraca densidade, que apenas voltará a conhecer uma organização jurídico administrativa relevante após a Reconquista, mas onde subsistem e se implantam alguns centros de ocupação em torno da Lagoa da Pederneira. A comunidade que habitava a Quinta da Granja 1 não escolheu um sítio protegido e pouco destacado na paisagem para se instalar, fugindo aos tempos “conturbados” das invasões. Pelo contrário, seria relativamente acessível, situado a uma cota de 39 m, com vasto domínio visual sobre a Lagoa. A sua economia estaria em parte ligada a este importante recurso (denote-se a presença de fauna ictiológica e malacológica) e tendo ou não existido a Torre das Colmeias, junto à Fervença, é plausível considerarmos a hipótese de ter funcionado algum equipamento portuário que estabelecesse a relação com esta e outras comunidades por identificar.

BIBLIOGRAFIA

- ACIÉN ALMANSA, Manuel; CASTAÑO AGUILAR, José Manuel; NAVARRO LUENGO, Ildefonso; SALADO ESCAÑO, Juan Bautista; VERA REINA, Manuel (2003) – Cerâmicas tardoromanas y altomedievales en Málaga, Ronda y Morón. *Cerâmicas tardoromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 411-454.
- ALBA, Miguel; FEIJOO, Santiago (2003) – Pautas evolutivas de la cerámica común de Mérida en épocas visigoda y emiral. *Cerâmicas tardoromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 483-504.
- BARBOSA, Pedro Gomes (1990) – O Medievalista e a Arqueologia (reflexões sobre o caso português). *Revista ICALP*. Lisboa. 19. [Consult. 12 Junho 2013]. Disponível em WWW: URL:<http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/medievalista.pdf>
- BERNARDES, João Pedro (2005) – Entre romanos e medievos. O problema do povoamento da região de Leiria durante a Alta Idade Média. *Arquipélago – História*. Ponta Delgada. 2ª série, IX, pp. 563-576.
- CABALLERO ZOREDA, Luis (1989) – Cerâmicas de “época visigoda y postvisigoda” de las provincias de Cáceres, Madrid y Segovia. *Boletín de Arqueología Medieval*. Madrid. 3, pp. 75-107.
- CARVALHO, Susana; CARVALHO, Vânia (2007) – Relatório de progresso da Carta Arqueológica de Leiria (2004-2007). Leiria: Câmara Municipal [Não publicado].
- CATARINO, Helena (1999) – Cerâmicas omíadas do Garb Al-andalus: Resultados arqueológicos no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias (Alcoutim). *Arqueología y Territorio Medieval*. Jaén. 6, pp. 113-132.
- FONTES, Luís; MACHADO, André (2010) – *São Gião da Nazaré. Trabalhos Arqueológicos. Fase III – Sondagens nos alçados e no solo. Relatório Final*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- FRANÇA, José Camarate; ZBYSZEWSKI, Georges (1963) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da folha 26-B Alcobaça*. Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.
- GONÇALVES, Maria José; PEREIRA, Vera; PIRES, Alexandra (2008) – Ossos trabalhados de um arrabalde islâmico de Silves: aspectos funcionais. *Xelb. Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves. 8, pp. 187-214.
- GUINCHO, Carlos Abílio (2010) – *O povoamento na área da Lagoa da Pederneira (da ocupação romana até ao século XII)*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. Vol.I. Lisboa: Universidade Aberta.
- GUTIÉRREZ LLORET, Sonia; GAMO PARRAS, Blanca; AMORÓS RUIZ, Victoria (2003) – Los contextos cerámicos altomedievales del Tolmo de Minateda y la cerámica altomedieval en el Sudeste de la Península Ibérica. *Cerâmicas tardoromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 119-168.
- HENRIQUES, Maria Virgínia; DINIS, Jorge (2006) – Avaliação do enchimento sedimentar holocénico na planície aluvial da Nazaré (Estremadura Portuguesa). *X Colóquio Ibérico de Geografia*. Évora. [Consult. 12 Junho 2013]. Disponível em WWW: URL:http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/o79.pdf.
- MACIAS, Santiago (1996) – *Mértola islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da Alcáçova (séculos XII-XIII)*. Mértola: Campo Arqueológico.
- MARQUES, Maria Zulmira (1994) – *Por terras dos anti-gos coutos de Alcobaça. História, Arte e Tradição*. Alcobaça: [s.n.].
- MURCIA MUÑOZ, Antonio Javier; GUILLERMO MARTÍNEZ, Martín (2003) – Cerâmicas tardoromanas y altomedievales procedentes del teatro romano de Cartagena. *Cerâmicas tardoromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 169-223.
- NATIVIDADE, Manuel Vieira (1960) – *Mosteiro e Coutos de Alcobaça. Alguns capítulos extraídos dos manuscritos inéditos do autor e publicados no centenário do seu nascimento*. Alcobaça: Tipografia Alcobacense.



Figura 1 – Localização geográfica da Quinta da Granja 1 (folhas 307 e 317 da CMP, esc. 1:25 000).

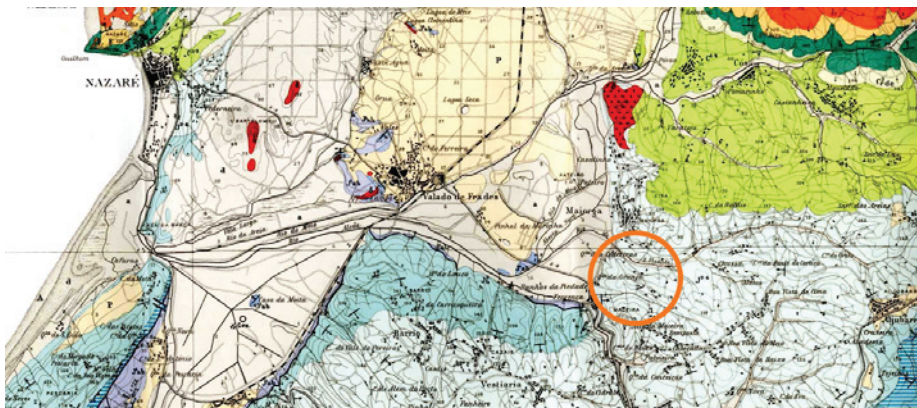


Figura 2 – Localização na folha 26-B Alcobaça da Carta Geológica de Portugal, esc. 1:50 000, sobre as camadas do Jurássico superior (azul-claro).

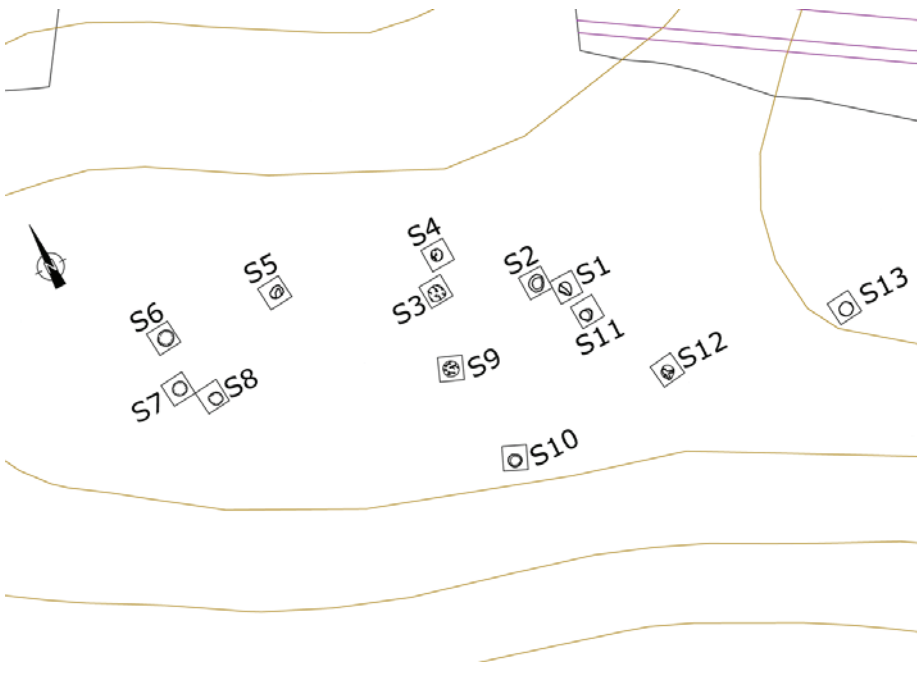


Figura 3 – Distribuição espacial das estruturas detectadas e implantação de áreas de escavação sobre cada uma delas (S1, S2, etc.).



Figura 4 – Vista para este sobre as estruturas 6, 7 e 8 (e a 5 ao fundo à esquerda).



Figura 5 – Estrutura 4. Lareira escavada em *cuvette*, coberta por níveis de cinzas e argilas.



Figura 6 – Estrutura 13. Silo reutilizado como fossa de despejo, preenchida por depósitos com bastantes blocos de arenito e grande volume de espólio.

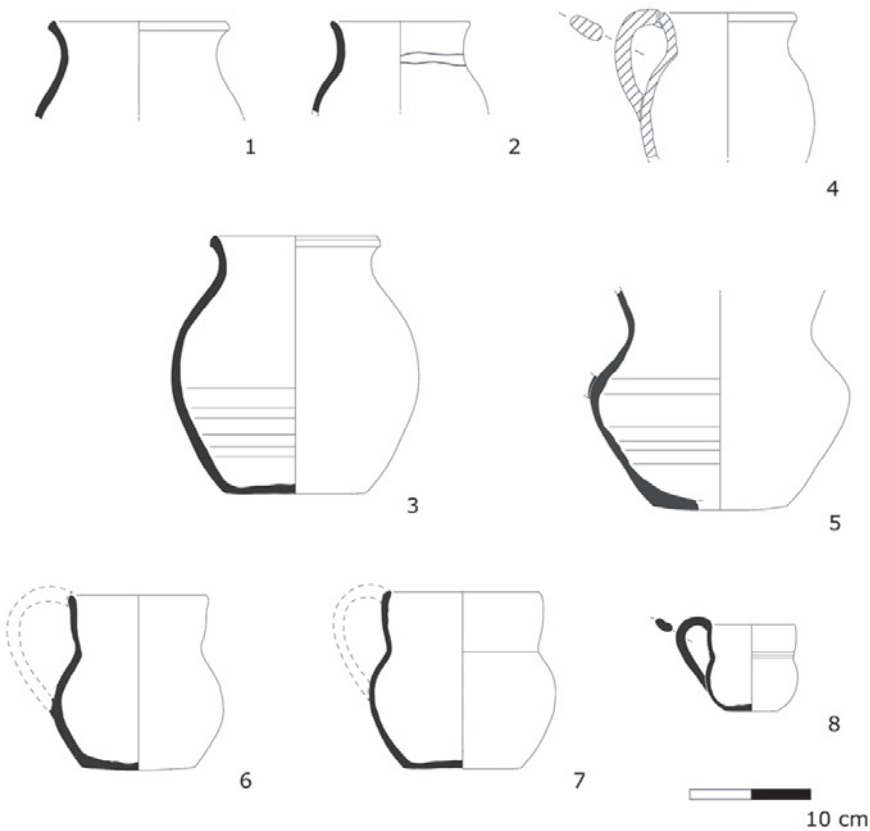


Figura 7 – Algumas das formas mais representativas: nº 1-3 panelas/potes, 4-7 jarros, 8 jarrinha.

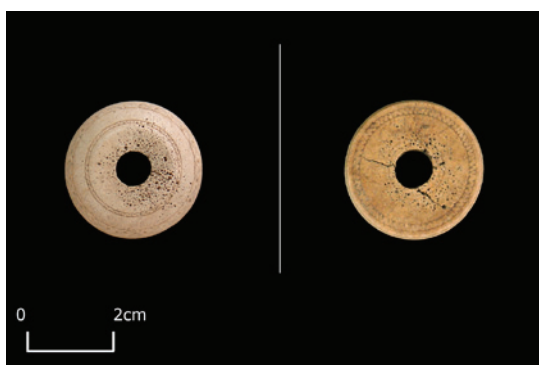


Figura 8 – Cossoiro em osso com decoração geométrica (estrutura 3, [301]).

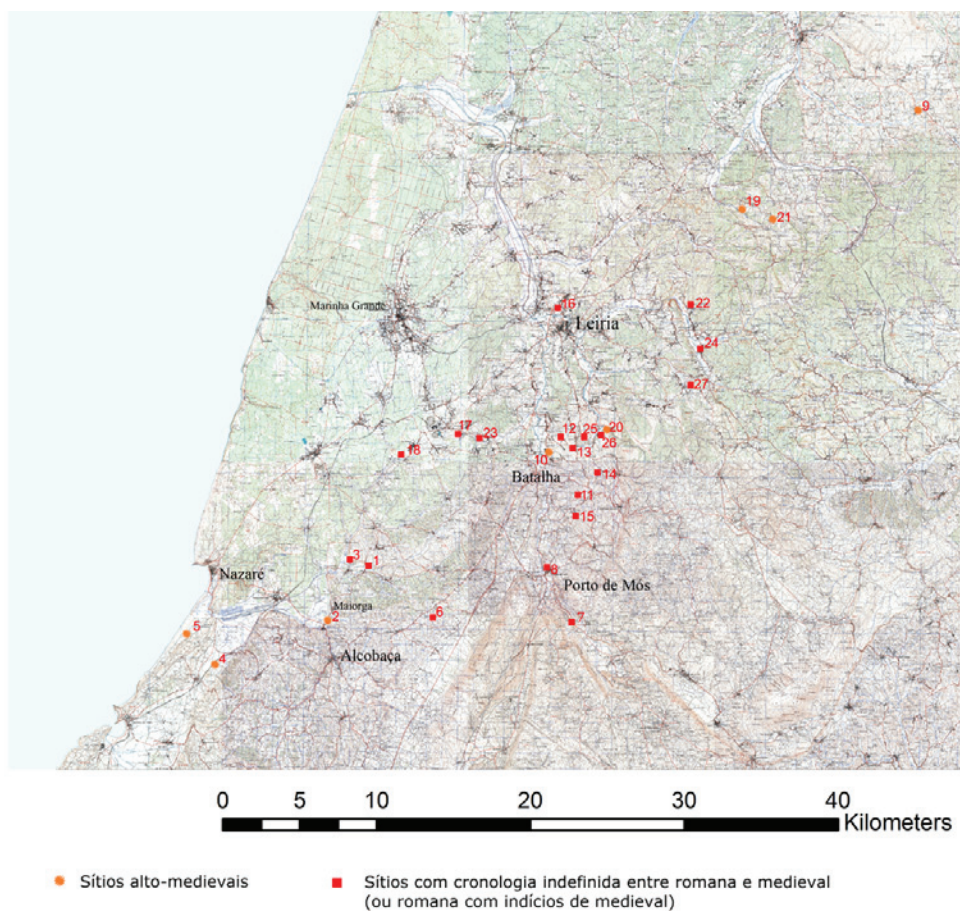


Figura 9 – Distribuição de sítios arqueológicos na região entre Alcobaça e Leiria com base em *Endovêlico*, J. Pedro Bernardes (2005, p. 576) e Carta Arqueológica de Leiria (Carvalho e Carvalho, 2007). 1 – Santa Rita (Coz, Alcobaça), 2 – Quinta da Granja 1 (Maiorga, Alcobaça), 3 – Póvoa de Cós (Coz, Alcobaça), 4 – Torre de D. Framondo (Famalicão, Nazaré), 5 – São Gião (Famalicão, Nazaré), 6 – Cumeira de Baixo (Juncal, Porto de Mós), 7 – Covinha da Laje/Zambujal de Alcaria (Alcaria, Porto de Mós), 8 – Escorial do Castelo (S. João Baptista, Porto de Mós), 9 – Igreja matriz de Abiul (Abiul, Pombal), 10 – Casal Vieiro (Golpilheira, Batalha), 11 – Casal das Carvalhas (Batalha, Batalha), 12 – Hortas 1 (Golpilheira, Batalha), 13 – *Collippo* (Golpilheira, Batalha), 14 – Vale Freixo (Reguengo do Fetal, Batalha), 15 – Arengões/Alcanadas? (Reguengo do Fetal, Batalha), 16 – Martim Gil (Marrazes, Leiria), 17 – Arneiro (Maceira, Leiria), 18 – A-do-Barbas (Maceira, Leiria), 19 – Cabeço do Pedrogo/Carrascal (Colmeias, Leiria), 20 – Arrifes (Cortes, Leiria), 21 – Alcouvim/Vale dos Lagares (Memória, Leiria), 22 – Casal do Fagundo (Caranguejeira, Leiria), 23 – Costa de Cima (Maceira, Leiria), 24 – Escorial 1 (Caranguejeira, Leiria), 25 – Galhetes (Cortes, Leiria), 26 – Ulmeiro (Cortes, Leiria), 27 – São Bento (Arrabal, Leiria).



AAP
 ASSOCIAÇÃO
 DOS ARQUEÓLOGOS
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
 bcp

BNP
 BIBLIOTECA
 NACIONAL
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
 PORTUGAL


 Parques de Sintra
 Monte da Lua